

A experiência de aprendizagem com o projeto Contaço De História – Visão Geral

AULA DE HEATHER HERD

TRADUÇÃO: MARIA CAROLINA MORAIS

Os alunos aprendem a ler com a potência da história e da grande literatura. Esta aula de matemática usa o poder de um livro inspirador chamado Grayson, de Lynne Cox, para ajudar os alunos a aprender matemática. Ele tem elementos clássicos capazes de cativar os alunos durante uma contaço de história, e também segue o caminho da “jornada do herói”.

A história se passa no Oceano Pacífico logo após o amanhecer. Aos 17 anos, Lynne termina seu treino de 3 horas no mar, sob uma temperatura de 12 graus Celsius, quando descobre que um filhote de baleia-cinza está em seu encalço. Tinha-se notícia de que pescadores avistaram uma baleia mãe numa plataforma petrolífera das redondezas. Lynne deve nadar até a plataforma de petróleo com o filhote de baleia, ou voltar à costa, induzindo o filhote a segui-la e, possivelmente, ficar em apuros? O que você faria?

A principal diferença entre esta aula e uma aula voltada ao estudo de línguas é que os trechos são lidos com a intenção de atrair os alunos para uma questão matemática complexa. As contações são curtas e pungentes. O objetivo não é ler a história de cabo a rabo, mas aterrissar na história real que conta a jornada de uma jovem mulher que luta para reunir um filhote de baleia com sua mãe.

Entre as contações da história, os alunos recebem estruturas de dados que os ajudam a prever a probabilidade de sobrevivência da nadadora. Os alunos são motivados por uma sensação de urgência, pois sintetizam informações a partir de um mapa em miniatura, gráficos de sobrevivência em água fria e um artigo sobre a resistência dos nadadores. Os próprios alunos se empenham para organizar os dados em novos formatos: retas numéricas, tabelas de funções e planos cartesianos.

Este projeto é um convite ao aprendizado que agrada todos os alunos, pois é apresentado como uma história e não como um problema matemático complexo. O senso de urgência emocional muitas vezes torna os alunos menos inseguros em relação ao seu desempenho, e, por outro lado, mais propensos a compartilhar seu raciocínio com outras pessoas.

Nota: qualquer referência a fichas está em negrito, todas as fichas podem ser encontradas no final deste documento.

IMERSÃO NO PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A cada dia, prepare-se para começar e terminar a aula com um trecho de Grayson, de Lynne Cox (fornecido juntamente com este plano). Nota: Lynne Cox autorizou o uso de seu livro para este projeto de matemática e contação de história.

Pegue os alunos "de surpresa" começando a aula com a pergunta: "Matemáticos – O que vocês fariam?" Em seguida, com o livro na mão, comece a contar a história como se fosse a nadadora. Manter seus alunos imersos e envolvidos na história vai fazê-los buscar os padrões matemáticos que você está abordando.

Aqui estão alguns elementos que podem engajar os alunos ainda mais e tornar a aprendizagem uma experiência matemática extraordinária para seus alunos.

1. A cada dia, vá para as aulas usando touca, óculos de natação e uma roupa esportiva (ou roupão ou moletom). Esse traje é a marca de seu projeto de contação de história.
2. Crie um cenário marinho na sua sala de aula, dê o toque final com um filhote de baleia. Durante a semana anterior ao projeto de contação de história, peça aos alunos que pratiquem a precisão em medidas. Eles podem pesquisar ou receber os nomes e dimensões dos animais marinhos que aparecem na história (lista inclusa aqui). Usando rolos de papel adesivo, os alunos devem medir, desenhar e recortar esses animais para criar um cenário marinho. Mas cuidado! O projeto ainda é surpresa!
3. Suas contações devem ser acompanhadas por uma apresentação de slides com imagens simples que estimulem seus alunos a visualizarem a história.

Obs: Também acredito que a simples contação desses trechos pode ser o suficiente para engajar os alunos na análise de dados de cada dia.

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS

- Algum conhecimento de frações de referência $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{2}$.
- Familiaridade com a medição de centímetros.
- A aula é apropriada para o 6º ano. Enquanto projeto, é valioso para o 7º ano e as séries seguintes, pois ativa habilidades de raciocínio de alta complexidade e revisa conceitos fundamentais.

Padrão

para a Prática Matemática do Núcleo Comum (Common Core) #1: Dar sentido aos dados e perseverar na resolução de problemas.

Padrão para a Prática

Matemática do Núcleo Comum (Common Core) #3: Formar argumentos viáveis e analisar criticamente o raciocínio de outrem.

Padrão do Núcleo Comum (Common Core): (Conceito) 5NF2

Resolver problemas de palavras que envolvam a adição e a subtração de frações referentes ao mesmo todo, incluindo casos de denominadores diferentes, como, por exemplo, por meio do uso de modelos de fração visual ou equações para representar o problema. Use frações de referência e o senso numérico de frações para fazer estimativas mentalmente e avaliar a razoabilidade das respostas.

Padrão do Núcleo Comum (Common Core): (Conceito) 5OA3

Gerar dois padrões numéricos utilizando as duas regras dadas. Identificar relações aparentes entre termos correspondentes. Formar pares ordenados que consistam em termos correspondentes dos dois padrões e representar graficamente os pares num plano cartesiano.

DIRETRIZES DO NÚCLEO COMUM ABORDADOS

MATERIAIS E PREPARAÇÃO

- Trechos diários de "Introdução" e "Encerramento" de Grayson, conforme fornecidos. Eles podem ser reduzidos para caber numa edição de bolso. Se você usar a edição de bolso de Grayson, recomendo manter o título do livro em segredo até o final do projeto.
- Problema Inicial de Imersão
- Folha de Brainstorm do Grupo
- Mapa em Miniatura
- Artigo sobre a Resistência da Nadadora
- Gráficos de Sobrevivência em Água Gelada
- Mapa da Corrente
- Os alunos precisam de: papel milimetrado e régua
- Se possível, uma câmera para documentar o trabalho dos alunos

ESPECIFICAÇÕES PARA CADA AULA

Para promover a prática do Núcleo Comum #1: Dar um sentido aos dados e perseverar na resolução de problemas, recomendo a seguinte progressão:

1. Fazer uma contação da história em voz alta (não mais do que 10 minutos).
2. No começo, deixar que os alunos se familiarizem com cada estrutura de dados. Durante o período de familiarização, os alunos compartilham ideias e trabalham de forma cooperativa.
3. O professor orienta grupos pequenos e alunos individualmente durante o período de familiarização.
4. O professor pede à turma que destaque os dados, tornando seu raciocínio visível.
5. Os alunos mostram a análise dos dados no momento em que toda a turma compartilha suas conclusões e hipóteses (se possível, utilize uma câmera para documentar essa etapa).
6. O professor fornece informações quando necessário.
7. Termine com uma contação de 5 minutos ou menos.

SEQUÊNCIA DA AULA

A Imersão

Dia 1 – Imersão na História e Solicitação de Dados

Nesta parte da história, a nadadora descobre que está sendo acompanhada por um filhote de baleia, que certamente acabará encalhando se ela sair da água após o treino. Uma mãe-baleia foi avistada por pescadores perto de uma plataforma petrolífera em alto mar. Será que ela consegue acompanhar o filhote até lá?

1. Leia o trecho da história "Introdução" do Dia 1.
2. Pergunte aos alunos: "O que vocês fariam?"
3. Peça que leiam o Problema e passem alguns minutos escrevendo sobre o que fariam se fossem a nadadora.
4. Distribua a Folha de Brainstorm aos alunos.
5. Peça às duplas/grupos que discutam quais informações são necessárias.
6. Perguntas de toda a turma são compartilhadas e registradas.
7. Perguntas a destacar:
 - A que distância fica a plataforma de petróleo?
 - Quanto tempo a nadadora consegue sobreviver nesta água gelada?
 - Será que ela terá forças para nadar até a plataforma de petróleo?
 - Os alunos tendem a perguntar se um barco pode ser enviado para nadadora. Alerta-os de que essa ideia pode assustar o filhote.
8. Informe que você fornecerá os dados necessários para responder a essas perguntas no dia seguinte e que você continuará a contar a história.
9. Leia o trecho de "Encerramento" da história do Dia 1.

Dia 2+ - A Jornada - Nadando até a
Plataforma de Petróleo
Análise dos Dados

Nesta parte da história, a nadadora e a baleia dirigem-se à plataforma de petróleo. As palavras de Lynne Cox evocam o risco e a aventura dessa experiência, pois os dois encontram uma enorme variedade de animais marinhos. O filhote de baleia desaparece por breves períodos, fazendo-a questionar sua escolha de nadar sozinha até a plataforma de petróleo. Ficamos cada vez mais preocupados com o bem-estar dela. A pergunta permanece: "Será que a nadadora consegue sobreviver a esta jornada?"

A seguir, um pacote de aulas que pode ser programado de acordo com as necessidades dos seus alunos. À medida que eles vão dando sentido aos dados, alcançam uma sensação de complexidade cada vez maior. Caso esse tipo de análise seja nova para eles, sugiro revisar uma folha de dados por aula.

Caso eles tenham mais prática no trabalho com dados, você pode desafiá-los a revisar e combinar mais de um conjunto de dados durante cada aula. Os trechos de leitura da Jornada são divididos em 4 dias, durante os quais você pode planejar sua análise das folhas de dados. Os trechos podem ser modificados para se adaptarem ao seu plano.

Ao longo deste processo, os alunos devem organizar os dados em formatos que sirvam para atender aos **Padrões Básicos Comuns** do 6º ano. Essas aulas podem ser usadas para Introduzir, Desenvolver ou Avaliar o Domínio desses objetivos de aprendizagem.

Objetivos de Aprendizagem:

- Medir a distância em um mapa por meio de uma escala.
- Somar as frações de referência de $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$.
- Criar uma reta numérica marcada com frações de referência $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{2}$ entre números inteiros.
- Exemplificar a adição e a subtração em uma reta numérica.
- Desenvolver um padrão de termos correspondentes em uma tabela de funções.
- Formar pares ordenados de termos correspondentes a partir de uma tabela e, em seguida, plotá-los em um plano cartesiano a fim de compará-los.

Atividade do Mapa em Miniatura

1. Os alunos fazem medições para determinar a distância até a plataforma de petróleo.
2. Eles traçam uma reta numérica no mapa entre o píer e a plataforma de petróleo, marcada com centímetros e quilômetros.

Artigo sobre a Resistência de Nadadores

1. Os alunos leem o artigo para aprofundar sua compreensão sobre a resistência de um nadador de longa distância.
2. Este artigo traz o ritmo provável do nadador: 2 quilômetros por hora.
3. Com essas informações, os alunos retornam ao Mapa em Miniatura para adicionar horas à sua reta numérica e, em seguida, visualizar quanto tempo ela levaria para nadar até a plataforma de petróleo.
4. Em seguida, os alunos aplicam seu ritmo de 2 quilômetros por hora a uma tabela de funções com a regra de multiplicar por 2. Agora, eles podem estimar a duração da jornada dela até a plataforma de petróleo, bem como o caminho de volta.
5. Os alunos formam pares ordenados a partir desses termos correspondentes e os plotam num plano cartesiano. Fique atento, pois as linhas nesta grade precisarão

incluir espaço suficiente para que frações sejam plotadas durante a próxima fase da história.

Gráficos de Sobrevivência em Água Gelada

Nota: Os trechos de contação de história não revelam se a nossa nadadora está usando roupa de mergulho.

1. Durante a análise destes gráficos, os alunos vão:
 - Inferir que nossa nadadora deve estar usando roupa de mergulho.
 - Neste ponto da história, localizar a zona de risco de hipotermia em que ela se encontra.

O Retorno – A Viagem de Volta ao Cais

Sem sinal da baleia-mãe, a nadadora decide voltar ao cais com o filhote. Durante esse retorno, o mar se agita e eles nadam contra uma corrente de $\frac{3}{4}$ de um nó. Para facilitar a aula, você pode simplesmente descrever um nó como uma medida aproximada de 1,6 quilômetros. O que acontece a seguir é uma mudança real no relato de Lynne Cox. Salva-vidas a visitam e sugerem que ela entre no barco para voltar à costa. Ela recusa a oferta.

Objetivos de aprendizagem:

- Formar pares ordenados de termos correspondentes a partir de duas tabelas de funções e, em seguida, plotá-los num plano cartesiano a fim de compará-los.
- Somar números mistos.
- Exemplificar a subtração de frações em uma reta numérica.

Projeto Opcional durante O Retorno – Apresentando Argumentos Viáveis

A essa altura, é natural que os alunos tirem conclusões baseadas nos dados com um pequeno projeto. Nesse momento, solicite que apresentem argumentos viáveis estipulando se a nadadora deve entrar no barco de resgate com os salva-vidas ou ficar com a baleia. Peça que, sozinhos ou em pequenos grupos, opinem sobre o que a nadadora deve fazer. Em seguida, eles devem criar cartazes anunciando seu posicionamento. Com base nos dados, eles precisam apresentar três evidências que fundamentem seus pontos de vista.

Atividade do Mapa Atual

1. Este gráfico acompanha o trecho que descreve o movimento da corrente a $\frac{3}{4}$ de um nó contra a nadadora que tenta voltar ao cais. Nadar contra a corrente muda seu ritmo para 2,6 quilômetros por hora.
2. Com base nessa alteração do ritmo, os alunos estabelecem um novo padrão numa tabela de funções, o que incluirá a prática de somar números mistos.
3. A mudança de ritmo pode ser exemplificada numa reta numérica. Para discernir seu novo ritmo, os alunos exemplificam a subtração de $\frac{3}{4}$ de 2. Alguns deles vão concluir que o novo ritmo dela é de $1\frac{1}{4}$ quilômetro por hora.
4. Por fim, os alunos retornam ao plano cartesiano original, no qual plotaram pares ordenados a partir da tabela de funções, com base em seu ritmo padrão. Eles agora

plotam os pares ordenados a partir do novo ritmo dela e os comparam. Esta é a atividade de aprendizagem final deste projeto.

Celebração – Reencontro com a Baleia Mãe

Enquanto Lynne nada contra a corrente, o filhote a acompanha de perto. Surpreendentemente, Lynne é levada pelo fluxo de arraste de Grayson – que é como o próprio Grayson acompanha a mãe. A história chega ao seu desenlace quando Lynne e o filhote estão esperando, impotentes, sob um cais agora lotado de espectadores. A Baleia Mãe aparece no horizonte! Ao buscar o filho, ela parece agradecer pessoalmente a Lynne, num encontro muito íntimo e emocionante. Mamãe e filhote retornam à sua rota migratória.

É uma ótima ideia passar um tempo da aula contando o fim da história e celebrando as conquistas deste projeto. Os alunos podem compilar todas as suas análises de dados num livreto, acrescentando ilustrações e anotações conforme desejarem.

OPÇÕES ADICIONAIS

1. Extensões

- No livro Grayson, afirma-se que existem sete plataformas petrolíferas em alto mar na região de Seal Beach. Perguntas de extensão podem ser criadas com base em outra plataforma de petróleo mais distante. Podem-se desenvolver projetos voltados à biologia das baleias; questões ambientais relacionadas; migração; problemas sociais ligados ao seu local de nascimento em Baja; e outras histórias de sobrevivência.

2. Tabela de Sobrevivência em Água Gelada de Tamanho Humano.

- Com fita crepe, crie uma grade de tamanho humano no piso e um gráfico para representar o Gráfico de Sobrevivência em Água Gelada
- Apresente vários cenários para a nadadora em que a água fica numa certa temperatura após um período específico de imersão. Peça aos alunos que, em pequenos grupos, se posicionem onde a nadadora estaria no gráfico ou grade.

3. Amostras de Água

- Você pode criar amostragens de água em diferentes temperaturas, (sobretudo aos 12 graus Celsius) para os alunos fazerem medições com termômetros, e para imersão/teste manual.

AVALIAÇÃO

Práticas Matemáticas

Uma "Rubrica O Que Você Faria" pode ser usada para avaliar os alunos na **Prática do Núcleo Comum #1 e #3**. A compreensão dos dados pelo aluno, conforme demonstrada nas folhas de dados/retas numéricas/tabelas de função/e plano cartesiano é avaliada, assim como a Perseverança e a Formação de Argumentos Viáveis.

NOME: _____

O QUE VOCÊ FARIA?

MATEMÁTICA DA SOBREVIVÊNCIA

RUBRICA PARA DEMONSTRAÇÃO DE CRESCIMENTO NAS PRÁTICAS MATEMÁTICAS

Pontuação: o:	1	2	3	4
DAR SENTIDO AOS DADOS: <u>Entender</u> os dados/ <u>Demonstrar</u> que você está <u>entendendo</u> os dados	Nas folhas de dados/ retas numéricas/tabelas de funções/ e planos cartesianos fornecidos para a resolução de problemas, a compreensão do aluno <u>não</u> foi demonstrada <u>suficientemente</u> para atestar sua compreensão.	Nas folhas de dados/retas numéricas/tabelas de funções/ e planos de coordenadas fornecidos para a resolução de problemas, o aluno demonstrou compreensão em <u>parte</u> do tempo.	Nas folhas de dados/ retas numéricas/tabelas de funções/ e planos cartesianos fornecidos para a resolução de problemas, o aluno demonstrou compreensão na <u>maior</u> parte do tempo.	Nas folhas de dados/retas numéricas/tabelas de funções/ e planos cartesianos fornecidos para a resolução de problemas, o aluno demonstrou total compreensão.z

<p>PERSEVERANÇA NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS</p>	<p>Na resolução diária de problemas, houve evidências de que a aluna/aluno desistiu de concluir o processo com total engajamento.</p>	<p>Em parte da resolução diária de problemas da aluna/aluno, houve evidências de que ela/ele persistiu na conclusão do processo com engajamento total.</p>	<p>Na resolução diária de problemas da aluna/aluno, houve evidências de que, na maioria das vezes, ela/ele perseverou para concluir o processo com engajamento total.</p>	<p>Na resolução diária de problemas, houve evidências de que a aluna/aluno nunca desistiu de concluir o processo com engajamento total.</p>
<p>FORMAÇÃO DE ARGUMENTOS VIÁVEIS: <u>Fornecendo Evidências</u></p>	<p>Ao explicar suas considerações, soluções ou decisões, a aluna/aluno <u>não forneceu evidências suficientes</u> com base nos dados.</p>	<p>Ao explicar suas considerações, soluções ou decisões, a aluna/aluno <u>forneceu evidências</u> com base nos dados em <u>alguma</u> parte do tempo.</p>	<p>Ao explicar suas considerações, soluções ou decisões, a aluna/aluno <u>forneceu evidências</u> com base nos dados na <u>maior parte</u> do tempo.</p>	<p>Ao explicar suas considerações, soluções ou decisões, a aluna/aluno <u>sempre forneceu evidências</u> com base nos dados.</p>

Animais Marinhos para o Cenário Marítimo

BALEIA-CINZENTA

ALABOTE

PEIXE-LUA/MOLA MOLA

GARIBALDI

MEDUSA ROXA

GOLFINHO-DE-LATERAIS-BRANCAS-DO-PACÍFICO

MEDUSA-DA-LUA

ARRAIA-MORCEGO

GOLFINHO COMUM

PELICANO

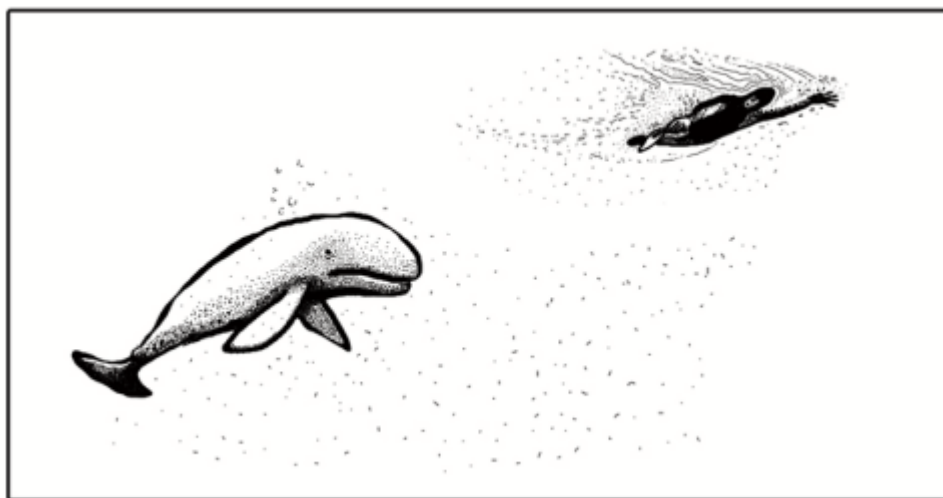
GRANDE TUBARÃO BRANCO

TARTARUGAS MARINHAS

BADEJO

Problema Inicial de Imersão

O QUE VOCÊ FARIA?

MATEMÁTICA DA
SOBREVIVÊNCIA

Estamos no início de março. Após um treino de três horas no mar a 12 graus celsius, uma nadadora de longa distância de 17 anos chamada Lynne Cox está pronta para voltar à terra firme. Ela tem sentido uma força estranha e poderosa ao seu redor, tornando as voltas muito difíceis. Assim, ela não se surpreende quando um amigo acena sem parar do cais e grita: "Um filhote de baleia está te seguindo a manhã inteira!" Se ela nadar para a praia, o filhote provavelmente a seguirá, correndo o risco de encalhar na areia. Se permanecer na água, Lynne talvez consiga ajudar o filhote, levando-o para uma plataforma de petróleo em alto mar, onde pescadores avistaram a baleia-mãe.

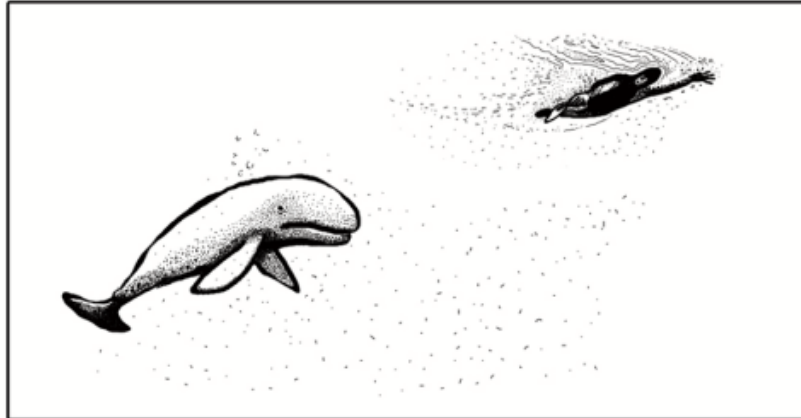
Lynne está exausta, com frio e fome. Mas é muito provável que o filhote perdido esteja sentindo a mesma coisa.

O que você faria?

[FOLHA DE BRAINSTORM DO GRUPO]

O QUE VOCÊ FARIA?

MATEMÁTICA DA SOBREVIVÊNCIA



Com o seu grupo, faça um brainstorming e registre suas dúvidas. De quais informações você precisa para responder à pergunta?

“Lynne está exausta, com frio e fome. Mas é muito provável que o filhote perdido esteja sentindo a mesma coisa. O que você faria?”

1. _____

2. _____

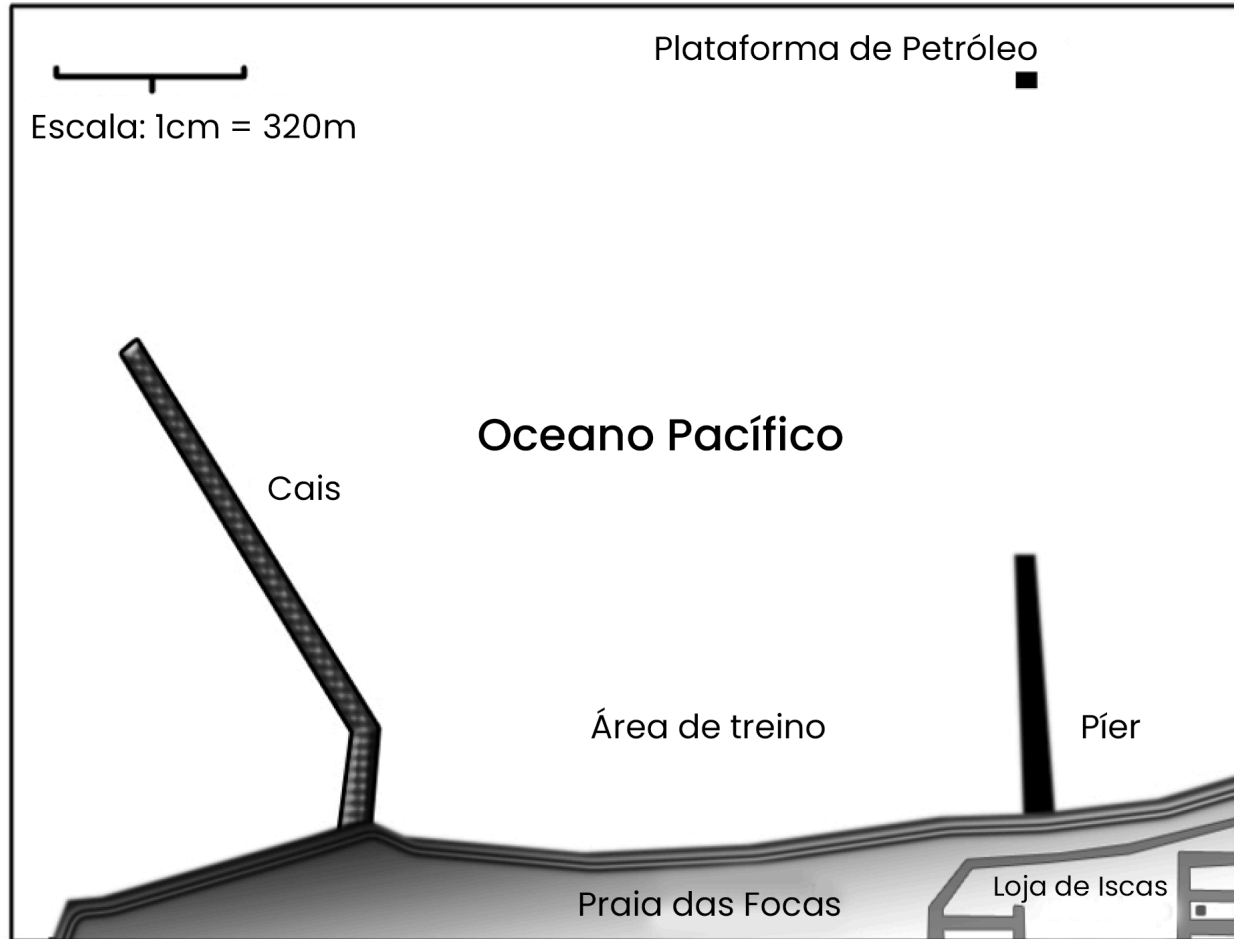
3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

MAPA EM MINIATURA



[Clique aqui para baixar a imagem em alta resolução](#)



“A RESISTÊNCIA DE UMA NADADORA”

Que tipo de exercício é a natação? Seria como caminhar ou correr?

Nadar é como um exercício que você faria se estivesse correndo ou participando de uma aula de aeróbica como a Zumba e, ao mesmo tempo, levantando pesos. Isso ocorre porque você está se movendo contra a resistência da água. (*A resistência é qualquer força que dificulte a movimentação.*) Nadar é como levantar peso porque a água tem uma resistência equivalente a 10 vezes a resistência do ar, ou até mais.

Quanto tempo você consegue nadando antes de ficar cansada/o e não conseguir continuar?

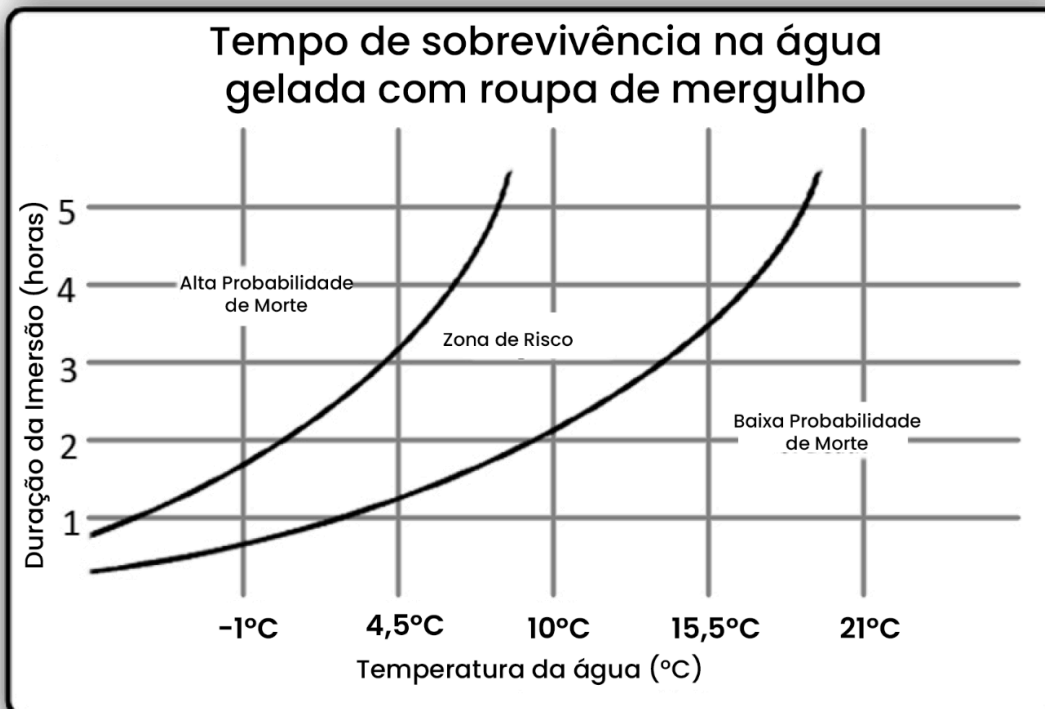
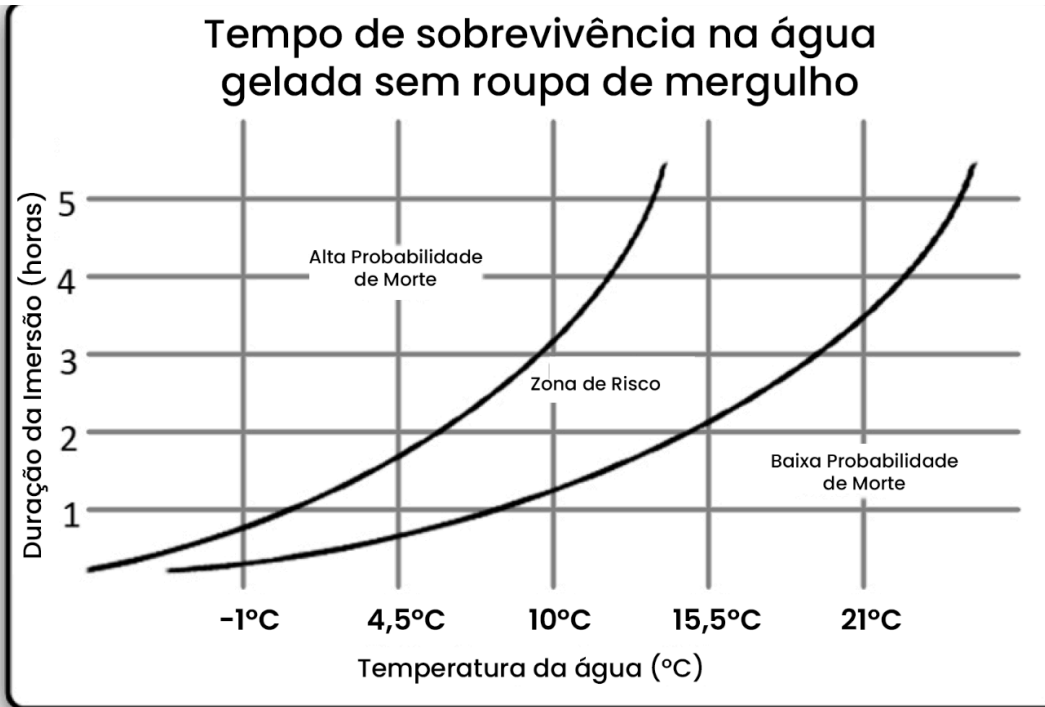
Quanto tempo consegue resistir?

A resistência significa quanto tempo alguém consegue repetir um exercício antes de ficar cansado, precisar de comida e, provavelmente, de descanso. Para ser o mais rápido, um nadador em equipe usa muita energia num curto espaço de tempo. Por causa disso, ele ou ela se cansa mais cedo do que um nadador de longa distância.

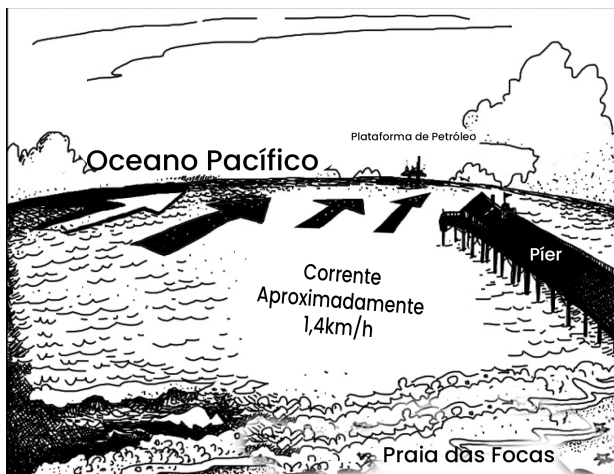
O nadador de longa distância mantém um ritmo mais lento com o intuito de economizar energia para longos períodos. Portanto, ele pode ter mais resistência do

que alguém que treina numa equipe de natação. Um excelente nadador de longa distância pode nadar 2 km em uma hora. Seus treinos podem se estender de cinco a 20 quilômetros de distância, dependendo do objetivo. Um nadador de longa distância geralmente almeja atravessar um canal famoso como o Canal da Mancha (36 quilômetros de distância) ou o Canal de Cook, na Nova Zelândia (25 quilômetros de distância).

Os nadadores de canal geralmente o atravessam sozinhos, mas são acompanhados por um barco que leva comida e bebidas quentes para que ele/ela os consuma a cada 20 ou 30 minutos. O barco também tem dispositivos eletrônicos e navegadores que ajudam o nadador a tomar o caminho mais fácil pelas correntes superficiais e marés. Muitas vezes, os barcos bloqueiam o vento e as agitações na água para o nadador.



Mapa das Correntes



[Clique aqui para baixar a imagem em alta resolução](#)

Contação de História de Grayson, de Lynne Cox

Dia 1 Introdução

Há algo de mágico, e assustador, quando se está no oceano, movendo-se entre céus e terra, sabendo que é possível topar com qualquer coisa durante a jornada.

As estrelas tinham se apagado. O firmamento e o mar estavam escuros como breu, tão escuros que eu não conseguia enxergar minhas próprias mãos puxando a água na frente do meu rosto, tão escuros que não dava pra saber onde começava um e terminava o outro. Eles estavam irmanados.

Era início de março, eu tinha 17 anos de idade, e nadava a 180 metros da costa, fora da linha da rebentação das ondas da Praia das Focas, Califórnia. A água estava gelada, a 12 graus e lisa como gelo negro.

Meus treinos matinais costumavam começar às 6h da manhã, mas, nesse dia, eu queria terminar cedo, chegar em casa, fazer a lição, e passar o dia com meus amigos, então eu tinha começado às 5h da manhã.

Enquanto nadava, só ouvia as ondas, que subiam e rebentavam na praia, o ritmo suave das minhas mãos contra a água, o ar

que eu puxava para a boca e os pulmões, e o longo rumor de bolhas prateadas que lentamente rolavam mar adentro. Entrei no ritmo e senti uma trepidação na água, embaixo de mim.

Não era um vagalhão ou uma corrente inesperada. Parecia outra coisa. Estava chegando mais perto. A água ficou ainda mais revolta, retorcendo-se abaixo de mim.

De repente, me senti muito pequena e sozinha naquele mar profundo e escuro.

Até que ouvi um som. Pensei que vinha das profundezas do oceano.

A princípio, parecia ser um sussurro, que depois ficou mais alto, constante, como se alguém estivesse tentando gritar por ajuda, mas não conseguisse fazê-lo em palavras. Continuei a nadar, tentando descobrir o que estava acontecendo.

O som ficou diferente. Ficou mais estranho, como se fosse o fim de um grito.

Eu estava sendo impulsionada para cima e para baixo como se estivesse nadando dentro de uma gigantesca máquina de lavar. A água se movimentou e me vi no topo de uma bolha imensa. Ela se movia de

baixo para cima, emitindo uma vibração cheia de energia. Era como se uma nave espacial estivesse passando logo abaixo de mim. Eu nunca tinha sentido algo tão grande assim debaixo água.

Chegando ao cais, virei-me pra cima, ofegante. Nadei de costas lentamente, tentando recuperar o fôlego. Diminuindo o ritmo, sentia-me esgotada, dolorida, cansada, faminta, e louca para chegar em casa e terminar a lição. Avistei Steve do lado de fora da loja de iscas. Ele era um velho amigo, um homem na casa dos 60 que administrava a loja. Steve fazia questão de ver como eu estava durante o treino, sobretudo na escuridão do início da manhã. Ele estava pulando sem parar enquanto acenava rapidamente com o boné azul-marinho e gritava. A brisa da manhã diluía suas palavras no ar, levando-as para longe de mim.

Tapei a orelha e gesticulei avisando que não conseguia ouvi-lo. De imediato, ele então apontou para algo que estava atrás de mim. Ao me virar para trás, senti a água. Algo estava nadando embaixo de mim.

Seria um tubarão branco?

Sem pensar duas vezes, nadei para a praia. Olhando por cima do meu ombro direito, vi que Steve fazia que não com a cabeça repetidas vezes.

Parei. Mas não queria. Estava confusa. O que ele estava tentando me dizer? Ele colocou as mãos ao redor da boca e

gritou:

- Você não pode voltar para a praia!

- Por que não? - estava confusa e louca para voltar.

- Um filhote de baleia está te seguindo. Ele está te acompanhando desde o último quilômetro. Se você nadar até a costa, ele vai te seguir e acabar encalhando. O peso de seu corpo na praia fará seus pulmões entrarem em colapso e ele vai acabar morrendo. Um dos pescadores de um barco em alto mar acha que viu a baleia mãe nadando perto de uma das plataformas de petróleo.

Dia 2

Introdução

Eu queria tranquilizá-lo, então nadei para mais perto.

O filhote de baleia rolou de lado e a onda gerada por seu movimento me empurrou para trás.

Ele olhou nos meus olhos como se tentasse entender quem eu era e o que fazia lá.

Eu estava me perguntando a mesma coisa sobre ele e tive de lhe perguntar baixinho, para não o assustar:

- O que aconteceu com você, pequenino?"
Onde está sua mãe? Como foi que você se perdeu?

Se ao menos pudesse falar a língua dele. Se ao menos pudesse descobrir o que tinha acontecido. Acima de tudo, queria ser capaz de dizer que não se preocupasse, que eu tentaria ajudar. Dois corações buscando a mesma coisa eram muito mais fortes do que um só.

O filhote de baleia sabia disso, embora não pudéssemos conversar. Algo havia nos unido; algo muito maior do que nós dois.

A baleia mergulhou e eu aproximei o rosto mais ainda da água, para que pudesse observá-la.

Ele estava perto, a um metro e meio de mim.

Mantendo-me o mais imóvel que pude, fiquei boiando de barriga para baixo. Ele não se aproximou mais. Era imenso. Parecia sentir que eu estava um pouco insegura em sua presença. Surpreendeu-me que ele não parecesse ter o menor medo de mim.

O filhote flutuava abaixo da superfície. "Como você consegue fazer isso?", pensei. Embora tentasse, não conseguia ficar no mesmo nível dele. Voltei à superfície como um pato de borracha.

Ele parecia estar ouvindo alguma coisa, talvez outras baleias em algum lugar próximo. Algumas frequências nas quais se comunicam são muito baixas para os ouvidos humanos.

O filhote de baleia se aproximou devagarinho.

- Não se preocupe, pequenino, vamos te ajudar - eu disse debaixo d'água com uma voz estranha, gorgolejante e confusa.

Levantei a cabeça, respirei e ergui os olhos em busca de Steve, que estava no cais.

Encostado na grade, ele protegia os olhos azul-claros contra a causticante e branca luz solar com uma das mãos.

Ao baixá-la, disse:

- Não vejo nenhum sinal dela.

- Como acha que ele se perdeu?

- Ele é bastante jovem. Deve ter entre três e quatro meses de idade. Talvez não esteja escutando a mãe.

Steve vasculhou o mar novamente, movendo a cabeça de um lado para o outro.

Naquele momento, percebi o quanto seria difícil encontrar uma baleia no oceano. Até algo grande assim tornava-se minúsculo naquela imensidão do mar.

O filhote de baleia olhou para mim com seus grandes olhos castanhos e pidões. Senti algo como um formigamento, como ondas sonoras emitidas por um instrumento de sopro, mas sem produzir nenhuma música. Perguntei-me se ele estava tentando se comunicar comigo. Será que seus sentidos eram capazes de indicar onde ele estava? Será que conseguiria usá-los para entender o que estava no coração de alguém?

- Acha que a mãe dele está por perto? - perguntei a Steve.

- Provavelmente. Não acho que ela o tenha abandonado. Ele tem um aspecto saudável, parece estar nadando bem. Está respirando sem qualquer dificuldade. Algo pode ter acontecido com a mãe dele. Ela pode estar machucada.

Fiquei em silêncio. Não queria imaginar o pior, eu queria acreditar que ela estava bem e nós conseguiríamos encontrá-la.

Precisava improvisar, me manter presente, otimista, pois achei que o filhote absorveria minha energia. Talvez tenha sido por isso que ele foi ao meu encontro.

Steve entendeu isso. Ele disse:

- A mãe do filhote deve estar à procura dele. Deve estar chamando por ele agora. As vocalizações de uma baleia percorrem grandes distâncias debaixo d'água. Ela pode estar chamando o nome dele, caso as baleias tenham nomes. E aposto que está muito preocupada.

Steve repetiu que um dos pescadores num barco achou ter visto a baleia-mãe perto da plataforma de petróleo.

Dia 2 – Encerramento

Steve se inclinou sobre o corrimão e me disse gritando que precisávamos tentar algo diferente. Ficar nadando para frente e para trás ao longo do cais e da costa estava nos fazendo desperdiçar um tempo precioso. Quanto mais tempo o filhote ficar separado da mãe, menos chance terá de sobreviver. Se não a encontrássemos, ou ele morreria de fome ou, sem a sua proteção, poderia ser facilmente atacado por um tubarão branco ou uma baleia assassina.

Dia 3 Introdução

Eu só tinha nadado para a plataforma de petróleo uma vez antes, durante uma corrida em mar aberto, mas, naquela ocasião, estava acompanhada por um remador numa prancha de stand-up paddle. Ele me ajudou a permanecer no caminho certo, e ficava atento para identificar perigos.

O filhote de baleia começou a nadar em direção ao alto mar. Lançou-me um olhar como se dissesse: Por favor, venha comigo.

- Vou nadar com ele -, gritei para Steve.

- Não gosto da ideia de você ficar sozinha por aí, ele respondeu.

Eu estava com medo. Mas sabia que precisava seguir em frente. Às vezes, eu só fazia as coisas porque achava ser capaz de fazê-las e porque se eu não as fizesse, perderia uma oportunidade de aprender algo, crescer e ir além.

Não havia tempo para discutir o assunto em detalhes. O filhote estava nadando para o mar aberto, e temi que, se ele fosse embora agora, sem mim, nós nunca saberíamos se ele havia encontrado a mãe ou o que tinha lhe acontecido. Talvez minha presença pudesse fazer alguma diferença.

- Vou tomar cuidado. Além disso, vou nadar com o filho de Gray. Vou nadar com Grayson

- eu disse, e sorri com mais confiança do que realmente sentia.

Steve sorriu.

- Grayson, até que cai bem. Ele nada graciosamente e é o filho de Gray.

Steve, no entanto, de repente assumiu um tom sério, e me aconselhou:

- Sempre levante a cabeça e olhe ao redor. Se um barco se aproximar, saia do caminho. Não espere que eles a vejam.

Eu e Grayson nadamos cerca de 100 metros na direção contrária do cais, 200 metros, 300, 400 e, numa das respirações, olhei por sobre o ombro direito. O cais e as pessoas estavam cada vez menores. Continuamos a nadar perto um do outro. Grayson guiava o caminho. Ele nadava em linha reta na direção da plataforma de petróleo, e eu seguia em seu encalço. Algumas vezes, ele diminuía o ritmo e estacionava. Parecia inquieto e meio agitado. Provavelmente não comia há pelo menos algumas horas. Seu nível de energia só podia estar caindo.

O céu estava mudando: nuvens esparsas mascaravam o sol e o mar ganhava uma cor azul-opaco. A temperatura da água também estava caindo. Devia fazer cerca de 10 graus; fui ficando cada vez mais desconfortável.

Sem perceber, virei-me e olhei para os meus pés. As pequenas pegadas que eles deixavam quando os batia dissolviam-se de imediato. Estremeci.

Não havia quebra-mares ou píeres para

amortecer a força da corrente. Usando a plataforma de petróleo como ponto de referência, eu podia supor que estávamos na direção norte a cerca de um nó, um pouco mais rápido do que 1,6 quilômetros por hora.

A plataforma de petróleo que antes estava bem à nossa frente deslizava para a esquerda. E a superfície do oceano rachava com uma brisa vinda do noroeste. A maré estava subindo, criando ondas de trinta centímetros de altura.

Grayson nadava intensamente contra a resistência das ondas. Ele estava respirando mais rápido, o som de seus bafejos era mais frequente. Parecia muito estressado. Como se não conseguisse decidir o que fazer. E foi então que parou por completo.

Ficou estagnado na superfície da água. Seus olhos se abriram mais do que antes.

- O que foi Grayson?

Ele se virou em minha direção, inclinou a cabeça e me encarou com um olho só.

Parecia esperar que eu o seguisse.

Eu não estava nem um pouco satisfeita com o fato de estar tão longe da praia. Mas, ainda assim, nadei em direção a Grayson, com a cabeça erguida.

- Vamos, Grayson. Vamos nadar até lá e ver se conseguimos encontrar sua mãe - disse, encorajando-o, sabendo que ele não

conseguia entender uma única palavra. Ainda assim, esperava que ele de alguma forma entendesse meu pensamento. Como uma baleia comunica amor, esperança, medo ou alegria?

Dia 3 – Encerramento

Havia algo lá longe, flutuando na superfície da água.

Nós nos aproximamos. Pareciam lírios d'águas boiando no mar. Quando nos aproximamos, os lírios ficaram maiores. Eles eram ovais, com mais ou menos um metro de diâmetro, e tinham caudas em forma de vieiras. Suas formas tinham cores diferentes - cinza, verde-oliva, preto - e tremulavam.

Eram peixes gigantes, peixes-lua chamados de Mola mola que desfrutavam da superfície do oceano, absorvendo o calor do sol através da pele. Eles emitiam um brilho prateado e, quando a luz mudava, ficavam luminosos como a lua numa noite clara. Tinham olhos escuros pequenos e bocas ovais rosa claro conectadas a um focinho. Foram os peixes ósseos mais pesados do mundo, chegando a pesar até 2.268 quilos. Um peixe-lua estava nadando. Ele balançava a barbatana superior e inferior, usando as barbatanas peitorais como estabilizadores e a cauda como leme. Cuspia água da boca como forma de se orientar.

Ele foi mergulhando cada vez mais fundo numa corrente fria para se refrescar e, quando ressurgiu, virou-se para deixar o sol

aquecer o outro lado do corpo.

Grayson passou por entre os peixes-lua cintilantes, que pareciam alheios à nossa intrusão. E nós seguimos em direção à plataforma de petróleo.

Senti-me muito exposta; minhas pernas balançavam como vermes na água.

A cerca de 400 metros da base da plataforma de petróleo, entramos num jardim marinho. Ele estava repleto de longas fitas de algas marrom-douradas que suavizavam as ondas e, assim, conseguimos chegar a 200 metros da plataforma.

A plataforma de petróleo avultava-se sobre nossa cabeça como uma mini torre Eiffel, com guindastes metálicos e equipamentos de perfuração que ficavam a seis metros ou mais de altura. Eles estavam conectados a uma grande plataforma de metal que ficava presa a várias palafitas metálicas que haviam sido fincadas lá no fundo do oceano.

A plataforma de petróleo era uma estrutura incrível e, ao mesmo tempo, ameaçadora. Enquanto a plataforma extraía petróleo do fundo do mar, dava pra sentir sua energia emanando pela água. Era como estar na cidade de Nova York. Os homens que trabalhavam nas plataformas petrolíferas me disseram ter notado que a energia atraía peixes para a área e os deixava num estado de inatividade.

Grayson passou por cardumes de peixes-lua que estavam próximos à base da

plataforma e nem percebeu as tartarugas marinhas verdes que nadavam por perto como uma equipe de natação. Todos saíam perto da plataforma de petróleo e nadavam juntos, como se estivessem fazendo uma série de corridas de velocidade.

Lentamente, um cardume de badejos passou por nós, ondulando como uma cortina tremeluzente de luz prateada.

Grayson respirou fundo e desceu cerca de um metro e meio, passando por um grupo de medusas da lua translúcidas. Elas tinham uma linda forma transparente, exceto pelos círculos brancos no topo das cúpulas. Ele passou por águas-vivas roxas que eram maiores, como grandes gelatinas flutuantes, e também belas e graciosas nadadoras. Moviam-se contraindo e expandindo suas cúpulas, como se abrissem e fechassem guarda-chuvas.

Seus tentáculos longos e fluidos chegavam até quase dois metros de comprimento. Eu só queria que elas ficassem abaixo de mim. As medusas da lua não queimavam, mas as roxas, sim.

Grayson sabia como evitar os tentáculos. Mergulhando nas águas profundas, ele abriu caminho pelo mar de águas-vivas roxas, esquivando-se do alcance de seus tentáculos.

Nadando na superfície, fui cumprimentada por dois peixes garibaldi, cuja cor laranja cintilava. Eles nadavam lado a lado, muito perto um do outro, pelas longas gavinhas de

laminariales, que ondulavam lentamente.
Passavam perto da minha cabeça,
verificando se eu era um garibaldi invasor.

Foram atraídos por uma cor laranja
brilhante, e sempre que eu usava uma touca
tangerina, eles ficavam nadando em volta
da minha cabeça. Acompanharam-me até
alguns centímetros da plataforma de
petróleo, quando se tornaram dois pontos
laranja no mar escuro.

Dia 4 Introdução

Grayson continuou a mergulhar cada vez mais fundo naquela imensidão do mar, e eu o observava.

Por que você está descendo tanto? Percebi que estava ficando nervosa. Quanto tempo você consegue prender a respiração?

Cuidado, Grayson. Tenha muito cuidado.

A cauda de Grayson tornou-se um minúsculo Y cinzento, ondulando nas profundezas azuis, até que o Y desapareceu na escuridão. Ele foi tão fundo, uns 30 ou 60 metros, que eu não sabia como era capaz de suportar as mudanças de pressão em seus ouvidos e cabeça. Como ele conseguia equalizar essa pressão tão rapidamente? Como seus tímpanos não se rompiam? Será que ele teria ar suficiente para voltar à superfície?

Olhei para o meu relógio. Ele estivera debaixo d'água há pelo menos cinco minutos. Será que estava bem? Será que voltaria? Onde ele estava?

O sol mudou de repente, iluminando camadas inferiores da água, deixando as profundezas mais visíveis.

Eu disse a mim mesma: "Esta é a coisa mais idiota que já fiz, nadar tão longe sem um barco."

Após algumas braçadas, respirei e olhei para baixo.

Olhar para dentro de um abismo não passava de estupidez. Não faço ideia de por que continuei fazendo isso. Talvez, só quisesse ver além. Queria entender o que ainda não entendia. Só estava curiosa. Não conseguia evitar.

A água era azul-marinho, cheia de sombras que oscilavam e mudavam o tempo todo. Mergulhei um pouco mais fundo na sombra da plataforma petrolífera. Respirando novamente, olhei para baixo outra vez. Nada de Grayson.

O mar parecia vazio sem ele. De repente, me senti mais sozinha do que nunca. Temia por mim e por ele.

Será que ele conseguia mergulhar 150 metros como uma baleia adulta? Por quanto tempo conseguiria prender a respiração? Para onde poderia ter ido? Será que voltaria?

Eu me perguntava: Quanto tempo esperar? Quanto tempo esperar por qualquer pessoa que seja?

Flutuando na parte superior da água, perguntei-me se devia ir embora.

Não, ele me procurou porque precisava de ajuda. Preciso encontrá-lo.

Tomei um impulso para mergulhar na água com nado peito. Fui descendo cada vez mais no vazio da escuridão.

A pressão fazia minha cabeça pulsar. O mundo azul escuro girava ao meu redor. O nada a meu redor me apertava como uma jiboia. Esperei. Segurei a respiração até ficar quase sem ar e depois corri para a superfície.

Ouvi dizer que as baleias às vezes mergulham em águas muito profundas para que possam conversar entre si. Suas vozes percorrem uma distância muito maior nas profundezas, onde a água é mais densa e fria.

Coloquei o rosto na água e, mentalmente, gritei: "Grayson"!, esperando que ele, de alguma forma, me ouvisse.

Foi então que Grayson surgiu do fundo da água e nadou ao meu lado.

Em seus olhos, vi um brilho, uma sensação de vitalidade e uma suave doçura. Eu o abracei com os olhos e o coração. Sua pobre mãe, no entanto, com certeza o estava procurando por todos os lados. Como ela iria encontrá-lo num oceano tão vasto?

Dia 4 – Encerramento

- Grayson, vamos nadar de volta à costa agora -, eu disse. Era preciso. Eu estava com frio. Cansada e esgotada. Meus olhos ardiavam com a água salgada que vazava pra dentro dos meus óculos.

Grayson pareceu entender. Ele virou-se

comigo e começou a nadar em direção à costa.

Dia 5 Introdução

Senti uma profunda sensação de alívio. A corrente parecia subir e empurrar nossas costas, como se uma mão gigante estivesse nos levantando e carregando em direção à praia.

Grayson parou e deitou-se de lado. Ele parecia cansado. As ondas passavam por sua enorme cabeça; ele estava olhando para mim e escutando a água.

Parei para escutar e percebi algo que não tinha ouvido antes.

Era como se o canto agudo de 100 pardais estivesse ecoando por minúsculos megafones no mais alto volume.

Grayson estava a apenas três metros de mim e também parecia atento.

Observamos os golfinhos brincarem por quase cinco minutos. Depois, eles desapareceram e Grayson se aproximou.

De repente, Grayson mudou drasticamente de rumo. Ele se virou quase por completo na direção contrária. Será que tinha ouvido a voz da mãe?

Então, de repente, ele deu um salto, voando um metro e meio acima da superfície.

Quando chocou-se contra a água, senti o impacto.

Ele tinha batido intencionalmente na água,

num ângulo agudo, para causar um enorme impacto, criando ruído - e um respingo gigante. Foi o melhor salto lateral que eu já tinha visto.

Grayson estava nadando tão rápido debaixo d'água que dava pra ver correntes de água mais escura fluindo acima de sua cabeça.

Esperei por ele novamente, e me perguntei por quanto tempo eu conseguiria fazê-lo. Dessa vez, esperei 15 minutos.

Ao flutuar, eu não estava criando nenhum calor por meio do exercício. O frio começava a penetrar profundamente em meus músculos e eu tinha consciência de que estava me aproximando de um estado de hipotermia. Se a água gelada fizesse a temperatura do meu corpo cair muito, eu poderia desmaiar ou morrer por exposição. Tive de começar a me mexer.

- Grayson, espero que possa me ouvir. Por favor, volte e nade comigo. Preciso de você.

Tinha de começar a me mexer.

Disse a mim mesma para tentar mais uma vez. Mergulhei na água e pensei o mais alto que pude: "Por favor, Grayson, não desista de mim. Por favor, não me deixe aqui.

Vamos encontrar a sua mãe. Não sei como, mas nossas chances aumentam se ficarmos juntos. Grayson, por favor, volte.

A maré estava me pressionando. Era como estar presa a uma faixa elástica gigante. Eu nadava um pouco pra frente, e era logo

puxada para trás. Precisava nadar mais rápido do que fizera três horas e meia antes se quisesse enfrentar a corrente e chegar à praia. Comecei a imaginar que eu era um barco pequenino, e que meus braços eram os remos. Nadei mais forte.

Até que, então, o barco dos salva-vidas parou do meu lado.

- Que bom que você resolveu voltar para a praia. Estávamos de olho em você, mas, com a mudança no tempo e todo o tráfego de barcos, fica perigoso nadar por aí sem um barco.

O salva-vidas mais velho me perguntou se eu gostaria de percorrer o resto do caminho no barco, e disse ter boas notícias. A tripulação de um barco de pesca comercial a cerca de 32 km ao norte de nós tinha avistado um grupo de 5 baleias-cinzentas nadando ao largo da península rochosa de Palos Verdes. Eles achavam que a baleia mãe não estava entre o grupo, mas que isso indicava a presença de outras baleias na área.

O que você faria?

Dia 5 Meio da Aula

Grayson tinha ouvido sua mãe ou achou que a tinha ouvido? Talvez ele tivesse discutido algo com os golfinhos. Agradei aos salva-vidas, mas disse que precisava me ater ao curso e nadar de volta sozinha.

Dia 6

Introdução

O retorno ao cais seria difícil. Não tinha jeito. O vento estava soprando a 15 nós e o mar se agitava em ondas espumosas. Era difícil encontrar lugar entre as ondas para respirar.

Elas dobravam de tamanho, de 30 a 60 centímetros, e enquanto eu nadava, tinha a sensação de saltar num trampolim, só que pelo estômago. O esguicho das ondas batia em minha boca, o que me fazia engasgar com a água.

Parei por um momento para me concentrar novamente. A maré estava contra mim. A corrente fluía a cerca de três quartos de nó por hora.

Isso não tinha graça nenhuma. Minha velocidade costumava ser de dois nós - ou 3,2 quilômetros por hora.

Disse a mim mesma para nadar por 20 minutos e, então, levantei a cabeça. Não conseguia avançar muito. O cais estava a 1,5 km de distância. Era como se eu estivesse subindo uma ladeira a nado.

Dia 6 Encerramento

Até que, enfim, Grayson voltou. Ele nadou até mim, chegou bem pertinho e me deixou tocá-lo. Sua pele parecia emborrachada, como um cogumelo, e não era nada viscosa. Ela cedeu um pouco quando a toquei. Estendi a mão para cima, senti as covinhas

dele, e então deslizei a mão por baixo dele e sorri. Segurei o filhote de baleia na minha mão.

Ele confiava em mim o suficiente para me deixar tocá-lo. Éramos de dois mundos diferentes - dois seres diferentes, com duas vidas diferentes, e, ainda assim, de alguma forma, nós nos entendíamos.

- Vai ficar tudo bem, Grayson, não se preocupe, vamos resolver isso - prometi.

Dia 7/Último Dia Introdução

Senti uma nova energia. Nadamos lado a lado em direção à costa. Grayson estava nadando com mais facilidade também. E eu estava aproveitando sua correnteza, surfando nas pequenas ondas que deslizavam de seu corpo longo e cinzento.

Quando chegamos ao cais, um grupo de pescadores e pais com seus filhos estavam encostados nos corrimões, olhando para o sul, vasculhando o mar em busca de um esguicho ou qualquer movimento, mas era difícil detectar qualquer coisa com as ondas e o brilho da água.

Dava pra ouvir Steve chamando, vencendo todas as outras vozes. Ele disse:

- Um pescador no píer sul acha ter visto algo grande nadando ao redor da entrada do porto. Ele acha que pode ser ela, nadando em nossa direção. A baleia-mãe pode estar refazendo seus rastros, voltando ao lugar onde pensou tê-lo perdido.

Num minuto, todas as pessoas do cais foram para o lado esquerdo. Alguns se curvaram sobre os corrimões para ver lá longe, outras examinavam lentamente a água, procurando qualquer coisa que se movesse em nossa direção.

Grayson estava inquieto. Agia como uma pessoa, andando pra lá e pra cá, talvez porque estivesse com frio e nadasse para

frente e para trás tentando se aquecer. Sua respiração tornou-se mais rápida e curta. Será que ele estava respirando para ser ouvido entre uma respiração e outra? O som viajava pelo menos um quilômetro e meio no ar. Senti um frio profundo em meus músculos. Estava tremendo. Mas tinha medo de sair da água. Se o fizesse, isso poderia afetar Grayson de forma negativa.

Com base em toda a experiência que tivera nadando em águas abertas, eu sabia que nadar com outra pessoa era um baita estímulo. Só o fato de haver alguém comigo me dava confiança para continuar, isso realmente fazia toda a diferença do mundo. Não queria sair da água porque temia que Grayson pensasse que eu o havia abandonado. Ele poderia ir embora antes que, em algum momento, encontrássemos sua mãe.

Último dia – Encerramento

- Preciso fazer alguma coisa, disse a mim mesma.

Talvez se eu pensar muito, a mãe dele me ouça. Talvez ela não conheça as minhas palavras, mas sentirá as minhas ondas cerebrais. Talvez ela ouça os meus sentimentos com seu sonar.

Pensei com o máximo de intenção que pude. Eu não sabia se ia funcionar. Eu não sabia se alguém teria essa resposta. Mas eu precisava tentar. Você não precisa de palavras para saber que alguém se preocupa com você. Você não precisa de

palavras para saber que alguém acredita em você. Não precisa de palavras para saber que alguém te ama. Você sente, sabe.

Acho que Grayson ouviu minhas emoções e as sentiu também. Ele flutuou na superfície, perto de mim.

Inclinei a cabeça para trás e, olhando para cima, notei que havia mais pessoas no cais.

- Tá vendo todo mundo lá em cima, Grayson? Eles estão aqui por você.

Era como se Grayson entendesse. Ele ergueu os olhos, viu as pessoas e grunhiu baixinho.

As pessoas no cais estavam grudadas nos corrimões, inclinando-se em direção ao mar. Queriam que a mãe dele aparecesse.

Meu coração batia mais rápido. Senti algo mudar.

Foi então que aconteceu.

Esperamos, acreditamos, trabalhamos, aprendemos, tentamos de novo, e então, de repente, num único momento, aconteceu tudo o que esperávamos e um pouco mais.

A superfície do mar estava mudando. Uma corrente subaquática estava colidindo com a mureta, fazendo as ondas subirem, mas apenas numa ampla linha reta.

- Olha ali! Acho que tô vendo alguma coisa!, gritou um garotinho, animado.

Só podia ser. Tinha de ser.

- Acho que tô vendo ela! Tô vendo a mamãe dele!, uma menina de cabelos loiro-ruivos gritou alto, com alegria.

As pessoas estavam tão debruçadas, tentando ver o que a menina estava vendo, que eu rezei para que os corrimões de madeira aguentassem o peso.

Depois, alguém gritou:

- Acho que também estou vendo! Ali!

As pessoas esticavam o pescoço. Protegendo os olhos com as mãos.

Outra pessoa gritou:

- É isso mesmo. Lá está ela!

- Lá vai ela, esguichando!

Uma fonte de jato branco disparou da água, alcançando três metros no ar.

As pessoas estavam rindo, gritando, apontando, aplaudindo, comemorando, e se aglomerando em direção ao lado do cais que ficava voltado ao sul. Pais colocavam as crianças sobre os ombros, e as crianças mais velhas se abaixavam e se entrelaçavam entre os adultos para ver melhor.

Lá estava ela, uma das criaturas mais incríveis da Terra. Nadando em nossa direção.

Grayson respirou algumas vezes e mergulhou, enquanto eu enfiei a cabeça debaixo d'água.

Sons vinham de longe, sons que eu nunca tinha ouvido antes. Eram fortes, intensos, tão grandiosos que eu podia senti-los ressoar pela água.

De repente, já não havia nada. Nenhum som. Nenhum sentimento. Nada. Apenas os sons apressados das bolhas saindo da minha boca, passando pelos meus ouvidos.

Procurei por Grayson. Ele tinha ido embora. Será que ele a tinha encontrado? Teria ido embora com ela?

Foi então que ouvi a mãe dele: Ela estava falando e tinha uma voz linda - uma voz que me fazia rir e gargalhar.

Ela cantava, emitindo estalos e chilreios ao mesmo tempo. Parou e fez uma série de sons, sons altos e baixos, e provavelmente vários outros, em frequências que eram muito baixas para serem ouvidos por nós.

Houve uma pausa. E então ouvi uma segunda voz. Só podia ser Grayson. E era. Era Grayson. Ele a tinha encontrado. Ele estava clicando e grunhindo.

Grayson e a mãe mergulharam e vieram à tona a três metros de mim. Fiz questão de não me mexer entre mãe e filho, mas eles nadaram na minha direção.